

2008/09/07

A ESPANHA A SUBIR ... PORTUGAL A DEFINHAR[1]

João Brandão Ferreira

:Escrevemos, há umas semanas, um "papiro" sobre os sempre recentes reforços em material bélico que os nossos queridos "hermanos" têm feito relativamente às suas Forças Armadas. A justificação oficial (deles), aduzida para tal reforço é a da sua participação nas operações de Paz e Humanitárias tão em voga desde que a Guerra Fria passou à História. Ora como tal justificação nos parece curta para tão grande arsenal, vamos tentar dilucidar outras razões mais consentâneas com a realidade.



Começemos por passar a retina pelas principais operações acima referidas, em que os sucessores dos antigos Terços Espanhóis estão empenhados (1): Líbano (desde 2007), com 1181 homens e um navio tipo corveta; Afeganistão (2002), 745 e um destacamento de apoio no Quirguistão de 52; Kosovo (1999), 621; Bósnia – Herzegovina (1992), 323; Chade (2008), 90. Está em estudo o envio de um ou dois navios de guerra para as águas da Somália, a fim de combater a pirataria. No total somam 3012 militares o que ultrapassa o máximo de 3000 imposto pela Lei de Defesa Nacional, aprovada pelo governo socialista.

Julga-se pois, que para manter estes compromissos não é preciso tamanho potencial. Mas pode servir para outras coisas. Com o reforço que está em marcha, embora nem tudo esteja ainda operacional, as forças espanholas ficam habilitadas a operar, simultaneamente, em dois oceanos/mares com duas poderosas forças tarefas (task force) aero-navais com base em dois porta-aviões. Ou seja sem sair da defesa próxima do seu território – embora as força-tarefa estejam concebidas para a projecção de Poder longe do território -, podem operar no Atlântico Central e Mediterrâneo.

E cabe aqui recordar que o “Espaço Estratégico de Interesse Nacional”, espanhol se estende até aos Açores; o Arquipélago das Canárias sempre funcionou como base avançada das navegações para Ocidente e Sul e está muito perto da ZEE portuguesa (Madeira) e que ainda existe um contencioso não completamente sanado por causa das Ilhas Selvagens.

Este poderio militar pode ser empregue de vários modos na América Central e do Sul em apoio e defesa da “Hispanidad”. Serve para mostrar a bandeira; evacuar nacionais ou conter alguma fofosidade de líderes como Hugo Chavez. A aposta espanhola nas Américas é sobretudo cultural e económica (logo política, também), a que não é estranho o desejo de promover o castelhano à segunda língua mais falada no universo e a concorrer com os EUA no seu “quintal das traseiras”.

A Espanha já participa na exploração da Antártida e é natural que faça acordos de colaboração nomeadamente com o Chile e a Argentina (nós devíamos tentar o mesmo com o Brasil, mas enfim, no actual estádio da política caseira era pedir muito...).

É natural que as afinidades culturais e históricas empurrem a Espanha para o continente americano, mas o mesmo não se pode dizer de África. Mas África é um espaço onde os falantes da língua de Cervantes estão a apostar cada vez mais e nomeadamente nos PALOPs (à atenção da CPLP). Portugal, dorme, dorme...

Gibraltar é um espinho cravado na Moncloa. É evidente que o poderio militar serve para apoiar qualquer solução que se tente para o futuro do “Rochedo”. Não pretenderão, certamente, transformar o Mediterrânico num lago espanhol, mas não andarão longe a ideia de terem uma presença forte e incontornável. Em primeiro lugar para manter em respeito os países do Norte de Frisa e impedir qualquer veleidade sobre Ceuta e Melilha; depois e no mínimo, hão-de querer estar em pé de igualdade com a França e a Itália, agora que os EUA retiraram a 6ª esquadra e a Royal Navy mantém apenas uma presença simbólica.

A Espanha procura também reforçar a sua presença e peso na NATO e em todos os “fora” em que participa e é agressiva em querer ocupar vazios. Portugal que se cuide com a sua ZEE e com a evolução que, sobre este assunto – e a criação de uma Guarda Costeira do Báltico ao Egeu -, possa decorrer do mal amanhã tratado europeu que para nossa desgraça ostenta o nome de Lisboa.

Mas a Espanha reforça o seu músculo militar, estamos em crer, também por razões internas, por

causa das autonomias e da possível desagregação política do reino. É que as Forças Armadas são nacionais, espanholas, veneram o Rei e actuam sempre em nome da Espanha. E o seu prestígio e o que contribuirão para a afirmação da Espanha como tal e no mundo, desvaloriza as tendências centrífugas em várias regiões do seu território.

O mesmo se passa, por exemplo, no desporto: já repararam que sem se perceber bem como, os espanhóis passaram a ganhar tudo, desde o ténis ao futebol passando pelo automobilismo, basquetebol, etc.? E nós já nem no hóquei em patins os vencemos...

A Espanha sempre representou em território e população, quatro a cinco vezes o Portugal europeu. Apesar desta desproporção sempre nos fomos aguentando. Convém equilibrar a balança com mais-valias e dissuasão mínima credível, que sirvam de seguro de vida. Estamos a ficar, vá lá, mal comparados uma espécie de Rússia e Geórgia. Será que os “porreiros” que nos têm governado, não dão conta de nada?

[1] Dados retirados do jornal “ABC”, de 6 de Junho de 2008

3 TEXTOS RELACIONADOS:

2008/07/22

COISAS POLÍTICO-MILITARES QUE SE PASSAM AQUI AO LADO

João Brandão Ferreira

2005/01/17

DIRECTIVA DE DEFESA EM ESPANHA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/11/27

A DEFESA EM ESPANHA [1]

Alexandre Reis Rodrigues